

11410 - Os desafios da economia solidária: perspectivas para a construção das experiências agroecológicas no agreste paraibano

The challenges of social economy: perspectives for the construction of agroecology on agreste paraibano region.

SOBRINHO, Severino Justino¹; SANTOS, Rozana Cadé²; COSTA NETO, José Geraldo da³; LIMA, Aline Barboza de⁴

Graduando em Geografia na UFCG, Alagoa Nova, severinojustinogeografo@gmail.com; ² Graduanda em Geografia na UFCG, Campina Grande, rozanacade@hotmail.com; ³ Graduando em Geografia na UFCG, Campina Grande, zinhogeo@gmail.com; ⁴ Professora de Geografia da UFCG, Campina Grande, alinelima.ufcg@gmail.com

Resumo: Este trabalho visa discutir a importância da economia solidária, a partir das experiências associativas com base na produção agroecológica da Região Agreste do estado da Paraíba. As análises desenvolvidas referem-se à produção e comercialização de alimentos produzidos por pequenos produtores que integram a Associação Agroecológica do Compartimento da Borborema – Ecoborborema. A economia solidária representa uma alternativa para a promoção da segurança alimentar e da justiça social, tendo em vista reverter quadros de pobreza e estagnação econômica. A partir das nossas pesquisas, registramos que a produção agroecológica na região agreste tem possibilitado melhores condições de vida para muitos camponeses. Contudo, detectamos a ausência de apoio e incentivo por parte dos gestores públicos, além da falta de conscientização da população em relação aos benefícios da produção agroecológica, dificultando a comercialização desses produtos.

Palavras-chave: Camponeses, Agroecologia, Economia solidária, Sustentabilidade.

Abstract: *This paper aims to discuss the importance of the solidarity economy from the experiences developed by some associations based on the production agro-ecological of the agreste region of the state of Paraíba. The analyses developed refer to production and marketing of food produced by small producers that make up Associação Agroecológica do Compartimento da Borborema – Ecoborborema. The social economy represents an alternative to promote food security and social justice in order reverting poverty situation and economic stagnation. From our research we noted that the agro-ecological production on the harsh region has enabled better conditions on life for many family farmers. However, we detected the lack of support and encouragement of public managers and the lack of awareness of the people regarding the benefits of agroecological production, hindering the marketing of these products.*

Keywords: *Family farmers, Agroecology, Solidarity economy, Sustainability.*

Introdução

Este trabalho é resultado do projeto de extensão universitária intitulado “**Feiras Agroecológicas em Campina Grande: informação e comunicação na relação campo-cidade**”, desenvolvido na Universidade Federal de Campina Grande, através do PROBEX 2011, e tem por objetivo compreender a importância da economia solidária, a partir das experiências associativas com base na produção agroecológica da Região Agreste do estado da Paraíba.

No Brasil, as atividades agrícolas desempenham importante papel na economia desde o processo colonizador. Na segunda metade do século XX, a modernização através da revolução verde atingiu também o campo, reestruturando as relações produtivas nas áreas rurais. Na Paraíba, os efeitos desse processo se deram de forma mais significativa a partir da década de 1970, acentuando as desigualdades sociais de áreas já acometidas pela pobreza. Na tentativa de resistir aos processos de expropriação do campo, bem como garantir a sobrevivência de suas famílias, camponeses da região do Agreste Paraibano passaram a buscar na agroecologia uma forma de garantir uma vida mais digna. Por meio da produção agroecológica, o camponês assume sua identidade com a terra, com a sua família, passando a se preocupar não apenas com a produção agrícola, mas também com o meio ambiente.

Pensando nessa produção e consumo de modo sustentável, os camponeses da Ecoborborema, optaram pela produção agrícola de modo sustentável, vendendo seus produtos em diversas feiras da região. Esse grupo forma a Associação Agroecológica do compartimento da Borborema – Ecoborborema, que conta atualmente com, aproximadamente, 100 integrantes. Essa associação é composta por camponeses provenientes dos municípios de Alagoa Nova, Lagoa Seca, Massaranduba, Solânea e Queimadas. São em geral agricultores oriundos de assentamentos rurais e pequenas propriedades.

Nesse contexto, a agroecologia assume um papel de fundamental importância para a sobrevivência das famílias camponesas, constituindo-se como um fator significativo para o desenvolvimento sócio-territorial. (CARVALHO, 2007) (SAQUET, 2010), (AZAMBUJA, 2009), (SCHMITT, 2010).

A associação foi criada para facilitar a construção das experiências agroecológicas na região agreste, e tem colaborado com a formação política dos agricultores, com a produção agrícola, e com as diversas Feiras Agroecológicas que ocorrem na região, em diferentes municípios. Na cidade de Campina Grande, ocorre a Feira Agroecológica Regional, que congrega camponeses de vários municípios integrantes da Ecoborborema. A feira da Estação Velha, localizada nas proximidades das margens do açude velho em Campina Grande, surge como nova ferramenta para o desenvolvimento dos agricultores da região do agreste paraibano.

A Ecoborborema foi criada no final de 2002, quando os camponeses se organizaram pela primeira vez através do movimento “Natal sem Veneno”, por meio do qual agricultores dessas diversas cidades começaram a vender diretamente seus produtos livres de agrotóxicos.

Atualmente, a região Agreste conta com oito Feiras Agroecológicas, que ocorrem nos municípios de Campina Grande, Alagoa Nova, Lagoa Seca, Massaranduba, Queimadas, Solânea, Esperança e Remígio.

Metodologia

A metodologia utilizada seguiu os seguintes procedimentos:

- Revisão de literatura sobre os temas agroecologia, economia solidária, comunidade, segurança e soberania alimentar.
- Trabalho de campo nas propriedades agrícolas com produção agroecológica, na Mesorregião do Agreste, mapeando e fotografando as áreas de produção que

integram a Ecoborborema;

- Participação em reuniões da associação da Ecoborborema, para registrar a dinâmica política e organizacional do grupo;
- Aplicação de entrevistas e questionários junto aos produtores agrícolas e lideranças comunitárias;

Resultados e Discussão

A região Agreste, área de estudo deste trabalho, possui altitudes acima de 500 metros do nível do mar. Possui uma pluviosidade anual entre 800 e 1400 milímetros em alguns lugares. Essas características proporcionam um quadro geográfico que favorece a produção de hortaliças, frutas e legumes, tornando esses alimentos de boa qualidade nutricional.

Dentre essas áreas, destacamos os municípios de Alagoa Nova, Lagoa Seca, Massaranduba, Queimadas, Areia, Solânea, Esperança e Remígio, que possuem áreas de produção agroecológica. Grupos de agricultores desses municípios organizaram-se em forma de sindicatos ou associações para se fortalecerem e se firmarem nesse novo processo de produção e consumo de produtos sustentáveis. Através das entrevistas, constatamos que a maior parte desses agricultores descobriu os malefícios do agrotóxico a partir de suas próprias experiências pessoais.

Nas visitas à feira, constatamos que a partir do momento em que o agricultor opta por trabalhar com um produto de boa qualidade, ele produz com maior satisfação. Nesse sentido, há uma redescoberta de identidade com a terra. Contudo, os desafios são grandes, pois esses agricultores enfrentam muitas dificuldades, como por exemplo:

- Falta de apoio governamental;
- Dificuldade de acesso a linhas de crédito destinadas ao fortalecimento da agroecologia;
- Desinformação da população quanto aos benefícios de uma alimentação sem agrotóxicos;
- Custos de transporte e distribuição das mercadorias;
- Assistência técnica insuficiente para acompanhar as áreas de produção.

Nas entrevistas, ficou explícito o desânimo de alguns em relação à falta de apoio e incentivo. Além disso, comerciantes aproveitam a existência das Feiras e comercializam alimentos convencionais nas proximidades, tornando confusa a diferenciação dos alimentos por parte dos consumidores desinformados.

Relatos do coordenador da Feira Agroecológica Regional de Campina Grande (ver fotos a seguir), Orlando Soares da Silva, confirmam que o apoio que recebem vem de projetos financiados com verbas federais. De acordo com ele:

- “É com esse projeto que a agente fez né, pra infraestrutura da feira, aquisição de barracas, caixas pra os agricultores. Inclusive a gente está com um projeto do caminhão que a gente comprou, através de via prefeitura daqui dum projeto que a gente fez pelo território. Esses projetos todos foi feito pelo ‘território’ via governo federal e houve um enclave aqui nessa gestão, mudança de governo, de prefeito e até agora a gente não obteve esse caminhão. Esse caminhão foi comprado, foi licitado pela Grama, uma concessionária de veículos, a

prefeitura tinha que entrar com a contra partida aqui e ela não cumpriu com isso e a gente ficou na pendência, e inclusive até tamos correndo o risco de perder esse dinheiro né, de voltar para os cofres públicos por causa que a prefeitura até agora não se manifestou”. (Grifo nosso)



Feira da Estação, Campina Grande-PB
(Fotos cedidas por Rozana Cadé Santos, em 20/07/2011)

No que diz respeito ao controle e fiscalização da produção, são atividades que ocorrem internamente, através da ação conjunta dos próprios agricultores. Os camponeses se fiscalizam para evitar que outros agricultores tragam produtos que não existam em sua propriedade. Percebe-se, nos relatos das entrevistas, que há um controle interno e articulado entre os sócios. Como todos os comerciantes da feira possuem a certificação do Ministério do Desenvolvimento Agrário de produção orgânica, se faz necessário o controle desses produtos para que um atravessador ou o próprio comerciante, não traga produtos convencionais.

Analizamos que obstáculos políticos dificultam o avanço da produção agroecológica, como exemplificado no caso do projeto do caminhão, cuja falta de compromisso da gestão municipal agrava o problema do transporte dos produtos para as feiras. Outro fato preocupante é que alguns agricultores revendem parte de seus produtos para as grandes redes de supermercados, sem a participação e fiscalização da Ecoborborema. Essa prática enfraquece a construção de uma economia solidária, visto que as mercadorias são vendidas a um valor inferior e o lucro fica concentrado em tais redes.

Nas entrevistas, os agricultores disseram que mesmo a feira sendo de origem agroecológica, o que justifica acréscimos da ordem de 30% no valor dos produtos, na prática muitos produtos chegam a custar até menos do que os convencionais.

Apesar das dificuldades, percebe-se que os agricultores se sentem parte integrante da sociedade e que essa proposta em favor do meio ambiente trouxe vários benefícios de saúde e retorno financeiro para os mesmos. Nesse sentido, os camponeses da Ecoborborema estão organizados para enfrentar um capitalismo que só visa o lucro, buscando um desenvolvimento coletivo e solidário, elementos fundamentais na perspectiva agroecológica, conforme Guzmán (2001).

A partir dos relatos das entrevistas dos agricultores, percebe-se que, mesmo diante de inúmeras dificuldades para a construção agroecológica, ainda restrita a pequenos grupos

de camponeses e sem o apoio necessário, há uma satisfação por parte dos sujeitos sociais envolvidos nesse processo. Ao optar por esse sistema de agricultura familiar, eles se identificaram na sua relação com a terra e na reinserção social, mostrando, assim, o potencial qualitativo da agricultura orgânica no Agreste paraibano. Dessa forma, percebe-se que, além da melhoria da renda, há uma qualificação em termos políticos e ideológicos, que torna a produção agroecológica um caminho para a conquista da dignidade, reforçando a soberania alimentar.

Assim, apesar das inúmeras problemáticas vivenciadas por esses sujeitos para realizarem essa construção, a economia solidária da Ecoborborema, através da agroecologia, tem desenvolvido dimensões da tradição camponesa, como o trabalho familiar, o cuidado com a terra, percebida como organismo vivo por esses sujeitos sociais, a valorização dos saberes locais, o cuidado com a natureza e os laços fortalecidos entre o campo e a cidade. (SCHMITT, 2010)

Consideramos que a economia solidária representa uma importante estratégia para proporcionar aos camponeses da região agreste a permanência no campo de forma mais digna. Nesse sentido, as práticas agroecológicas desenvolvidas pelas famílias que integram a Ecoborborema têm fortalecido a construção da soberania alimentar calcada em racionalidades diferenciadas de modelos apenas produtivistas, que visam apenas o lucro e desconsideram os impactos gerados na natureza.

Referências

- AZAMBUJA, Lucas Rodrigues. **Os Valores da Economia Solidária**. *Sociologias* [online]. 2009, n.21, pp. 282-317. ISSN 1517-4522.
- CARVALHO, Horácio Martins de. **Desafios para o Agroecologista como portador de uma nova matriz tecnológica para o campesinato**. Curitiba, 2007. (Mimeo.)
- GUZMÁN, Eduardo Servilha. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia. **Revista de Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.2, n.1, jan/mar, 2001.
- SAQUET, Marcos Aurélio et al. A Agroecologia como estratégia de inclusão social e desenvolvimento territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SANTOS, Roseli Alves do (Org.). **Geografia Agrária, Território e desenvolvimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- SCHMITT, Cláudia Job. Economia solidária e Agroecologia: convergências e desafios na construção de modos de vida sustentáveis. **Boletim Mercado de Trabalho**, IPEA, v.42, fev, 2010. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/boletim_mercado_de_trabalho/mt42/08_Eco_02_convergencias.pdf. Acesso em: 15. out. 2011.